

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# TORRE VELHA 1: UMA VILLA NA ANTIGUIDADE TARDIA

Teresa Ricou / Independent researcher / teresaricou\_2@hotmail.com

Ana Gonçalves / Arkhaios – Profissionais da Paisagem e Arqueologia, Lda.

Consuelo Gómez / Independent researcher

## RESUMO

Apresenta-se de forma sumária alguns dados obtidos nas campanhas de minimização da jazida Torre Velha 1 (Serpa) afetada pela construção e enchimento da albufeira da Barragem da Laje (Serpa), no âmbito do EFMA.

Torre Velha 1 graças à presença de uma série de outras jazidas contemporâneas da sua sequência ocupacional (cemitério e estabelecimentos rurais dispersos no território), num espaço geográfico relativamente restrito, revela-se uma jazida de particular interesse para tentar compreender como funcionava a propriedade de que formava parte a (s) *villa*(e) e o que sucedeu ao longo da diacronia de ocupação do sítio, em termos arquitetónicos.

## ABSTRACT

It is presented in a summary manner, some data obtained in the campaigns of minimizing excavations of the archaeological site of Torre Velha 1 (Serpa) affected by the construction and filling of the reservoir dam of Laje (Serpa), under the EFMA.

Torre Velha 1 thanks to the presence of a number of other sites of its contemporary occupational sequence (cemetery and farms scattered in the territory), in a relatively small geographic area, revealed as a site of particular interest to try to understand how it worked the property that was part of the (s) *villa*(e) (e) and what happened along the diachronic occupation of the site in terms of architectural planning.

## INTRODUÇÃO

Apresenta-se, de uma forma sumária, dados obtidos nas campanhas de minimização da jazida Torre Velha 1 (Serpa) afetada pela construção e enchimento da albufeira da Barragem da Laje (Serpa), infraestrutura de armazenamento de água que integra a Rede Primária do Subsistema de Rega do Ardila, um dos três subsistemas do Sistema Global de Rega do Alqueva, da responsabilidade da Edia S.A.

O sítio foi alvo de duas campanhas de minimização: uma primeira a cargo da empresa Palimpsesto, Estudos do Património Cultural, Lda, sob a direção de Adriaan De Man, em 2008 e a segunda a cargo da empresa ARKHAIOS – Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda, sob a direção de Teresa Ricou, em 2010-11. É a esta segunda campanha de escavação que reportam as atuais considerações e resultados apresentados, embora por vezes não possamos deixar de fazer referência aos resultados anteriores.

## LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

A jazida arqueológica Torre Velha 1 implanta-se no distrito de Beja, concelho de Serpa, Freguesia de São Salvador. Enquadrada pelo Barranco da Laje a Oeste e o Barranco da Amoreira a Este, afluentes da Ribeira do Enxoé, o sítio implanta-se em uma suave ondulação do terreno, orientada E-O, oscilando as cotas reais entre os 181,7 m (topo da elevação) e os 166 m. Os vestígios de ocupação, à superfície estendiam-se, aproximadamente ao longo de 2,5 ha.

Implantando-se em uma zona de solos de tipo C, a proximidade de solos de tipo B (Carta de Capacidade de Uso do Solo, 1: 50 000 de 1965) conjugado com o fácil acesso à água, o seu posicionamento face a outros núcleos de povoamento rural, bem como a distância próxima de vias de comunicação nomeadamente a do traçado da via *Onuba-Pax Iulia*, proposta por Conceição Lopes (2002, 242), certamente condicionou ou propiciou a implantação neste local

de um estabelecimento agrícola desta natureza e a manutenção da ocupação em momentos cronológicos posteriores ao período romano.

## HISTORIAL DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO LOCAL

O local foi nas décadas de 80-90, do século passado, intervencionado por José Olívio Caeiro, no âmbito de um projeto de investigação subordinado ao tema do estudo da ocupação humana compreendida entre o século III d. C e o séc. IX d. C, no Alentejo. Aqui se realizaram duas campanhas de escavação, bem como na *villa* «vizinha» da Cidade das Rosas, sumariamente referidas, à exceção de uma curta notícia informativa relativa à execução desses mesmos trabalhos (INF. ARQ. p. 32.).

Em 1998 na «Arqueologia do Concelho de Serpa» (Lopes, Carvalho & Gomes, 1998, p.55) o sítio é descrito, baseando-se os autores nos escassos dados publicados e em recolhas efetuadas durante as prospeções, de fragmentos de TSH, TSA C e D, propondo uma ocupação do sítio, centrada em finais do Alto-Império e Baixo-Império (idem). É ainda estimada uma área de dispersão de vestígios, à superfície, de cerca de 1 hectare (idem). Com base nos taludes artificiais do terreno e nos paredões em *opus incertum*, que afloram nesses taludes, é sugerida (devido à sua adaptação aos contornos do relevo: duas plataformas), uma implantação da instalação agrícola de tipo *villa* em socalcos (Lopes, Carvalho & Gomes, 1998, p. 55). Os autores da Carta Arqueológica referem, ainda, dentro do período romano, a recolha à superfície de cerâmicas finas e elementos arquitetónicos que indiciam a opulência da instalação, nomeadamente mármore de revestimento; bem como outros elementos que testemunhariam o carácter agrícola da *villa*, tais como mós e cerâmica de armazenagem – *dolia* (idem, p.55). A atestar a importância do local em período romano, encontra-se no Museu Arqueológico de Serpa um altar sacrificial que consta daqui ser proveniente (Lopes, Carvalho & Gomes, 1998; pp. 55-56).

Em 2005-06 no âmbito da construção e plantação de um olival de regime intensivo, efetuaram-se novos trabalhos arqueológicos no sítio da responsabilidade de Teresa Ricou. Os trabalhos consistiram em ações de prospeção, acompanhamento arqueológico e sondagens arqueológicas. Todavia, as sondagens nunca foram terminadas, pois o proprietário a meio dos trabalhos de escavação decidiu suspender o projeto

de irrigação (que pretendia instalar no sítio) e optar por um sistema de rega aéreo. Informado o IPA, este assentiu e as sondagens foram registadas e cobertas com geotêxtil. Cerca de 3 meses depois o Proprietário cumpriu o projeto original de rega do olival.

Finalmente, em 2008, no âmbito da minimização de impactes derivada da construção da Barragem da Laje, a empresa Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural, efetuou duas sondagens, acompanhando as plataformas e os taludes artificiais do terreno, pondo a descoberto um complexo «palimpsesto» de ocupação e sobreposição de estruturas e pavimentos.

## CAMPANHA DE 2010-11: RESULTADOS

As escavações em estudo permitiram apreender a existência de dois corpos de edifícios, aparentemente autónomos, com funcionalidades distintas: um de cariz residencial e o segundo, não deixando de ser residencial, com funções termais (fig. 1)

Durante a intervenção constatou-se a existência de uma ablação significativa da estratificação pré-existente e de um processo reiterado de revolvimento de depósitos, níveis e estruturas arqueológicas, derivado à utilização agrícola do sítio ao longo do tempo. Se excetuarmos a construção da barragem e a respetiva submersão, a mecanização da agricultura e mais recentemente a plantação de um olival em regime intensivo em 2005-06, perturbaram violentamente a estratificação natural do sítio, apesar de, ao mesmo tempo, terem permitido delimitar a extensão dos vestígios arqueológicos construtivos da (s) *villa* (s) da Torre Velha 1. Por um lado, uma das «impressões» retiradas da escavação foi a de que os edifícios, particularmente o denominado Edifício II (sondagens.5, 6 e 7) terá estado a descoberto, até há relativamente pouco tempo, sendo reutilizados não apenas como uma fonte de matérias – primas diversas, mas também como armazéns e/ou malhadas para o gado. Por outro lado, sabemos por sondagens efetuadas em 2006, ao longo da vertente Sul e Este da encosta, e pelos resultados obtidos na 1.ª fase de minimizações do sítio em 2008, que o local permanece ocupado pelo menos até ao Califado. Ora nas três sondagens, particularmente na sondagem 5, os primeiros níveis da sequência estratigráfica, resumem-se à presença de camadas de revolvimento recentes de origem agrícola, ao nível de derrube ou melhor lixeira, compacta, mencionada.

## FASES DE OCUPAÇÃO

A origem da *villa* romana de Torre Velha deve ser procurada no Alto-Império. Todavia pouco se sabe desta primeira fase de ocupação do estabelecimento. A grande quantidade de reformas levadas a cabo na *villa* mascarou ou destruiu muitas das estruturas pertencentes a este primeiro momento. Construído *ex-novo*, uma vez que não se encontraram precedentes ocupacionais pré-romanos no local, documentou-se melhor nas intervenções de 2008 efetuadas pela empresa Palimpsesto. Ali na sua designada sondagem 1 escavaram-se vestígios de um edifício de planta quadrada com cronologia Imperial, ainda que continuamente ocupado e reformulada, ao longo de todo o período de vigência da *villa*, materializado na construção e posterior amortização de estruturas, compartimentos e na sucessão de pavimentos constatada nas sondagens 1, 2, 3 e 4 que culminou com abertura de uma série de fossas de despejos e suportes para talhas com cronologias do período Califal, precedida do acrescento ao edifício original, após a amortização da parede de limite Sul original do edifício, em época difícil de precisar, de um corpo estranho, cuja planta e funcionalidade não se conseguiu apurar.

Mas, a primeira fase está sobretudo representada a nível do espólio, que ilustra de uma maneira geral uma primeira instalação em período Flaviano em sincronia com o verificado em outras *villae* da região. Entre o espólio recolhido destacam-se a TSH, nas formas Drag. 15 – 17 ou 18. Estes pratos apontam para uma cronologia entre Cláudio/Nero e Vespasiano, numa primeira fase, e continuam em época Flaviana em grande número, começando a escassear em finais do século I d. C. sendo raros os que atingiram a época de Trajano (Carvalho, 1998, p. 71). Sublinhe-se ainda as Drag. 37, decoradas quer com séries de círculos concêntricos, ou decoradas com faixa de *chevrons*, seguida da clássica divisão por métopas, formadas por 3 cordões serpenteantes e nova faixa de *chevrons* que encerra motivos decorativos, muito erodidos de inspiração sud-gálica (Viegas, 2009, p. 333). Por último, entre as *sigillatas*, refiram-se as formas Drag. 27 e as 24-25. A estes materiais associam-se fragmentos de paredes finas de fabrico emeritense e ânforas das formas Dressel 20, de fabrico bético e Dressel 14 de fabrico lusitano.

A presença de materiais do período Alti-Imperial com perdurações até ao Baixo-Império, entre os quais se destacam: um fragmento de bordo de uma ânfo-

ra Dressel 20, cuja produção se inicia com Augusto, alcança o apogeu no período de Cláudio e perdura até finais do séc. III ou mesmo o século IV, segundo alguns autores (Morais, 1998, p. 55) e fragmentos de TSC A com uma cronologia de fabrico desde o século II até ao século III d. C (Viegas, 2003) assegura a continuidade da ocupação do sítio ao longo deste período. Mas é no século IV d. C. que são patentes grandes alterações na evolução arquitectónica do sítio Torre Velha 1. É de atribuir a este período a construção de um segundo edifício, implantado a uma cota inferior com funções balneárias. O século IV d. C, na Hispânia é um século excepcional para o desenvolvimento e florescimento da arquitetura termal, associado a importantes *villae*, caracterizando-se por uma complexidade arquitectónica e planimétrica relacionada a luxuosos acabamentos e ornamentos (García Entero, 2005-05, p. 61). Comum a estes complexos, transformados desde finais do século III d. C. e ao largo do século IV d.C., é o papel predominante que os seus espaços frios assumem (*vestibula*, *apodytera*, *frigidaria*, etc.) parecendo converter-se em salas de receção, de uma elite aristocrática que reforça a sua coesão através, do uso de grandes complexos termais privados. A arquitetura balnear privada, transforma-se assim em um dos veículos da aristocracia tardo-romana para evidenciar a *dignitas*, estatuto social e riqueza do proprietário (García Entero, 2005-06, p. 62). Porém será também desde finais deste século e, sobretudo, ao longo dos séculos V e VI d. C. que este tipo de instalações começam a sofrer uma série de transformações, abandonando o seu carácter termal para adotar outro tipo de funções, quer sejam religiosas, funerárias ou produtivas (García Entero, 2005-06, p. 62), tendência que se vê confirmada, no caso apresentado, como mais à frente veremos.

A identificação dos ambientes e compartimentos, deste edifício como elementos de um *Balnea* baseou-se numa série de fatores relacionados quer com a planimetria de alguns dos ambientes, particularmente o 7 e o 9 com cabeceiras em absíde, bem como na existência de pormenores construtivos e materiais de construção típicos deste tipo de instalação (ladrilhos de entalhe, *tubuli*, revestimentos, etc).

### AMBIENTE VIII FRIGIDARIUM?

Esta absíde semicircular implanta-se no extremo sudoeste do Edifício II e as suas dimensões exteriores deverão ser 4 metros de longitude por 2,70 m de

largura, e o semicírculo 2, 20 m de largura (cabeceira de planta absidiada). Para propormos estas medidas, uma vez que não possuímos a planta completa do ambiente, sustentamo-nos nas dimensões do semicírculo da cabeceira, que neste ambiente é de 2, 20 m. O aparelho utilizado na construção da piscina alterna fiadas, algo incertas mas com tendência para a regularização, de elementos pétreos com fiadas de regularização em tijolo. Os tijolos utilizados nas fiadas de regularização possuem 0,26 m de comprimento por 0, 6 cm de espessura. Entre os elementos pétreos utilizados como matéria – prima destacam-se os pórfiros, xistos e calcários. A superfície foi então coberta com uma argamassa esbranquiçada, à base de cal. Na face voltada a Oeste do muro é visível um canal de escoamento de águas de secção transversal quadrangular, com as dimensões de 12 cm por 12 cm, à cota de 175,60 m. A este canal corresponde no interior da piscina, ao nível do pavimento original: um sifão em cerâmica para escoamento das águas sujas provenientes do interior da piscina.

Os dados obtidos na escavação do *frigidarium*, do qual apenas se escavou parte da zona da abside, permitem avançar, com base na recolha sob o pavimento original da piscina, em *opus signinum*, de um fragmento de uma TSA D Hayes 61, uma cronologia do séc. IV, inícios do V d. C. para a sua construção, cronologia essa confirmada com os dados obtidos nos níveis de enchimento de um *alveus* (Ambiente VII) aí identificado. (Fig. 2)

#### AMBIENTE VII; ALVEUS

O ambiente VII corresponde a um *alveus*, com uma planta com cabeceira em abside e as seguintes dimensões: comprimento – 2, 40 m, largura 2, 20 m. No eixo central da abside, coberto apenas pela terra vegetal, surgiu uma moldura em reboco, onde assentavam dois fragmentos de *tubuli*, encaixados, em posição horizontal, com a função de escoarem, ou drenarem a água, que este compartimento conteria, em direção à plataforma inferior.

Este tipo de tubagem habitualmente encontra-se relacionado com a circulação de ar quente nas paredes dos edifícios, dispostos em posição vertical, sendo também, por vezes, empregue na construção das abóbodas dos edifícios, como forma de aligeirar a construção.

Entre os níveis de enchimento, escavados no seu interior, destacam-se, como elementos datantes,

dois fragmentos em TSA D de uma Hayes 59 B e de uma Hayes 49, corroborando a datação obtida para a construção e funcionamento do *frigidarium*, de finais do séc. IV d. C (Viegas, 2009, p. 139)

#### AMBIENTE IX-FORNO

Este ambiente implantava-se, a sul, do ambiente VII. Esta estância originalmente configuraria um compartimento com uma função semelhante à do Ambiente VII, ou seja um *alveus*, geminado ao primeiro, ainda que de menores dimensões. Basta observar o arranque, nítido, de uma segunda parede em abside no topo superior dos muros, que configuram estes compartimentos e na planta geral. Esta 2ª abside seria delimitada a Sul por um muro com 0,60 m de espessura, com as fiadas superiores em tijoleira, à qual se encostou a parede ou muro semicircular de limite Este do forno, mas do qual é ainda bem visível o seu testemunho no paramento Este. A continuação a Sul deste muro é constituída pela u.e. [750], absorvida em período indeterminado e com função indeterminada pela construção do (s) muro (s) u.e. (s) [712,751 e 752]. Em relação a este muro colocam-se duas hipóteses: intencionalmente desmantelado para a construção do forno, ou então uma vez abandonada a função original deste compartimento, enquanto parte integrante do complexo termal, talvez por ruína da zona da abside, construiu-se o forno.

A implantação do forno neste local é apta para uma localização semienterrada das estruturas, ideal para a função pretendida. O forno reconhecido certamente é relacionado com a atividade oleira, particularmente com o fabrico de materiais de construção, pois no seu interior registavam-se em número elevado. A estrutura escavada situava-se em uma zona de suave declive, aproveitando os níveis argilosos para a sua escavação. O forno é de planta aproximadamente circular, (o facto de ter aproveitado estruturas pré-existentes, adaptando-as as suas necessidades contribuiu para a sua planta algo irregular), com 2,20 m de raio no eixo N-S, e no eixo E-O, o raio da câmara é de 1,9 m. Quanto às dimensões do forno, em termos de alçado a estrutura máxima conservada é de 1,50 m e em termos de diâmetro máximo interno será de 3,80 m. Dos dois níveis internos que compõem um forno apenas se conserva em bom estado, o nível inferior, da câmara de combustão, bem como parte do acesso da câmara de combustão ao *praefurnium*, escavado via uma

galeria que atravessa o miolo da parede de limite Oeste do complexo termal, afunilando em direção a Oeste (exterior), com solo em argamassa e em declive. De comprimento o corredor tem conservado 0,90 m e de largura 0,78 m. A câmara de combustão está segmentada transversalmente por três grossos pilares, orientados NO-SE, paralelos entre si, sobre os quais assentam os arranques de três arcos com fiadas conservadas de cada arco até cinco elementos em ladrilhos e tijolos de adobe muito toscos. Não se conseguiu recuperar nenhum tijolo de adobe inteiro de forma a determinar as dimensões. Os arcos estavam distanciados entre si em cerca de 0,46 m. É de registar, encostadas aos arcos, a presença de tubeiras em adobe. Destaque-se na câmara de combustão a vitrificação parcial das paredes, devido às altas temperaturas atingidas, no interior da câmara de combustão. Sobre a câmara de combustão são, ainda, visíveis vestígios da grelha, em duas fiadas de pedra paralelas, dispostas nas paredes laterais Norte e Sul do Forno, às quais se encostam os três pilares em adobe já mencionados. São ainda visíveis em alguns dos arranques das arcaturas, as tubeiras com saídas de ar que comunicariam com as paredes exteriores do forno. De assinalar a conservação de parte da instalação refrataria interna, constituída por uma capa interna de argila que recobria as paredes em adobes, ladrilhos e pedras.

Ainda em termos de estruturação interna do forno, na ligação da câmara de combustão com o *praeformium* desenvolvia-se um arco em adobe, hoje em dia, muito destruído. É de realçar também a existência pelo menos, junto ao alçado sul da estrutura de uma parede dupla, cuja face exterior seria em adobe, separada da parede em pedra por um vão oco de cerca de 0,20 m.

O nível superior nestes fornos de tipo vertical é tradicionalmente composto pela grelha e pela abobada que delimita a denominada câmara de combustão, da de cozedura regulando a temperatura que passa de uma para outra. Em relação à cúpula do forno permanece por decifrar se seria permanente, neste caso teríamos de ter detetado o seu derrube no interior do forno. Desta estrutura não encontramos mais testemunhos do que o estreitamento das paredes de limite externas do forno formando uma ligeira curvatura para o arranque da abóboda ou da cúpula.

Não se detetou, como seria de esperar, a existência de uma zona de acumulação de lenha para combustível

do forno. Outro fenómeno curioso é o da ausência de acumulações de cinzas e carvões, resultantes do período de laboração deste.

Analizados os níveis de enchimento do forno, no qual apenas recolhemos um fragmento de cerâmica comum de um pote com bordo em aba, sem implicações de ordem cronológica, pensamos que a construção do forno deve ter estado relacionado com o fabrico de materiais de construção, pois também não encontramos nenhum indício da existência de despejos da atividade do forno, apenas no seu interior vestígios de cerâmica de construção.

## AMBIENTE X

Na zona exterior ao forno (Ambiente X), a Este e exterior ao possível *frigidarium*, a Oeste recolheram-se, provenientes de espessas e fortes camadas de derrube, alguns elementos artefactuais de forte identidade, entre os quais se incluem telhas digitadas com linhas de *ziguezague* ao mais puro estilo visigótico-omíada, cobrindo um pavimento/nível de circulação, cujos materiais indicam cronologias desde o segundo quartel do século IV – forma Hayes 67 (Viegas, 2002, p. 181), até aos séculos VI-VII forma Hayes 99 (Viegas, 2002, p. 186). Estas cerâmicas em TSA D conjugavam-se com a presença de ânforas Almagro 51C, com um longo intervalo de fabrico desde os finais do séc. II, inícios do III até à segunda metade do séc. V d. C. (Etienne & Mayet, 2002, p. 143), existindo evidências no Algarve, em Lagos, do seu fabrico até pelo menos o século VI d. C. (Fabião & Brazuna, 2007), bem como ânforas, de fabrico Africano da forma *Keay* LXI. Estes níveis de derrube correspondem ao derruir e provável abandono de pelo menos, parte do complexo termal da *villa*, com uma cronologia estimada, com base nos materiais presentes nestes níveis do derrube, até ao séc. VII d. C. para o funcionamento do balneário.

## CONCLUSÕES

A reconversão funcional e a amortização dos espaços é um fenómeno que na Hispânia se começa a verificar ao longo do séc. IV e se generaliza ao longo dos séculos V e VI d. C. (García Entero, 2005-06, p. 63).

Do exposto, a partir do período tardo-antigo mantem-se a ocupação no sítio, mas diminui-se a área ocupacional e existe uma reconversão das zonas anteriormente ocupadas com carácter de lazer e higie-

ne para um carácter produtivo. De registar que, normalmente, as alterações da funcionalidade do espaço associam-se ao âmbito funerário, cultural ou habitacional, tal como é o caso por exemplo do Monte da Cegonha (São Matias), onde sobre as termas se constrói uma basílica, sendo mais raro a reutilização produtiva dos balneários das villae, no entanto esta situação verifica-se, por exemplo, em Freiria (García Entero, 2005-06, p. 68).

Em síntese, no caso em estudo, é possível afirmar que em um momento indeterminado da Antiguidade tardia, parte do complexo termal da villa terá sido inutilizado e reconvertido em espaço produtivo, materializado na destruição de um dos *alveus* identificados (Ambiente VII) e na construção de um forno (Ambiente IX), sabemos também que em meados do século VI-VII d.C. o forno já não está em funcionamento. Relacionado com este fenómeno poderá estar a amortização do possível *frigidarium* e a sobrelevação dos espaços de circulação particularmente bem exemplificada nas sondagens 6, 5 e 7. Todavia sabemos que esta área continua a ser ocupada, pois sobre estes níveis de derrube regista-se a presença de canalizações, ainda que muito destruídas associadas a prováveis níveis de pavimento, materializados na presença, no interior do Ambiente V e IV por camadas de argamassa com muitos materiais de construção, com um espólio cujo leque de formas é muito reduzido: potes e/ou panelas de perfil em S, panelas ou púcaras com a asa a nascer do bordo, bordos boleados, ou com sulco em barbeta interna, para encaixe da tampa, colos muito curtos e oblíquos, corpos globulares e fundos planos; pratos e alguidares com fundo plano e paredes retilíneas divergentes e tampas manuais planas. As decorações são feitas basicamente a partir da aplicação de cordões plásticos digitados, linhas incisivas em ondulado, com unguiações ou em ziguezague e impressões com corda, com paralelos em Jazidas no Alto algarve Oriental compreendidas entre os séculos V e VIII d. C. (Catarino, 2005-06, p.120) e mesmo do século IX a. C.

Esta cronologia não é de estranhar, pois acompanha o que se conhece da jazida e confirma a continuidade da ocupação do sítio, ao longo de um grande intervalo de tempo, que culminará no Califato, de acordo com uma tendência constatada nas regiões do Sul, onde as antigas villae continuam a ser habitadas pelo menos até ao século XI (Macias & Lopes, 2012, p.309) embora com uma dinâmica funcional bem diferente.

## BIBLIOGRAFIA

CATARINO, Helena (2005-06) – Formas de ocupação rural em Alcoutim (Séculos V-X), In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; LOPES, Conceição; FÉRNANDEZ OCHOA, Carmen, coords, *Formas de ocupación rural en la 'Gallaecia' y en la 'Lusitania' durante la antigüedad tardía y la alta Edad Media: (Sesión monográfica realizada en el marco del IV Congreso de arqueología Peninsular, celebrado en la Universidade do Algarve – Faro, Portugal – en Septiembre de 2004)*; Madrid: Universidad Autónoma, (Cuadernos de Prehistoria y Arqueología, 31-32), pp. 117-136.

DURÁN, M.<sup>a</sup> Rosália; RODRÍGUEZ, Germán; MORILLO, Ángel (2005-06) – Arquitectura y secuencia ocupacional en las villae de las Vegas Bajas del Gaudiana, el caso de Torre Águila (Montijo, Badajoz), In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; LOPES, Conceição; FÉRNANDEZ OCHOA, Carmen, coords, *Formas de ocupación rural en la 'Gallaecia' y en la 'Lusitania' durante la antigüedad tardía y la alta Edad Media: (Sesión monográfica realizada en el marco del IV Congreso de arqueología Peninsular, celebrado en la Universidade do Algarve – Faro, Portugal – en Septiembre de 2004)*; Madrid: Universidad Autónoma (Cuadernos de Prehistoria y Arqueología, 31-32), pp. 9-27.

GARCÍA-ENTERO, Virginia (2005-06) – Las Transformaciones de los balnea rurales domésticos durante la Antigüedad Tardía en Hispania (SS. IV-VI), In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; LOPES, Conceição; FÉRNANDEZ OCHOA, Carmen, coords., *Formas de ocupación rural en la 'Gallaecia' y en la 'Lusitania' durante la antigüedad tardía y la alta Edad Media: (Sesión monográfica realizada en el marco del IV Congreso de arqueología Peninsular, celebrado en la Universidade do Algarve – Faro, Portugal – en Septiembre de 2004)*; Madrid: Universidad Autónoma. (Cuadernos de Prehistoria y Arqueología, 31-32), pp. 61-82.

LOPES, Conceição; CARVALHO, Pedro; GOMES, Sofia (1998) – *Arqueologia do concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa.

MACIAS Santiago, LOPES Conceição (2012) – O território de Beja entre a Antigüedad Tardía e a Islamização, in CABALLERO ZOREDA Luis; MATEO CRUZ, Pedro; CORDERO RUÍZ Tomaz, eds., *Visigodos y Omeias: el Territorio*; Mérida: CSIC, (Anejo do Archivo Espanol de Archeologia, LXI), pp. 305-328.

ROSSELÓ MESQUIDA, Miquel; COTINO VILLA, Fernando (2005) – Panorama cerámico de los siglos V-VII d. C. en Cullera (Ribera Baixa, València), in SAGVNTUM (*Papeles del Laboratorio de Valencia*). Valencia, 37, pp. 139-152.

VIEGAS, Catarina (2002) – *A terra sigillata da alcáçova de Santarém: cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

VIEGAS, Catarina (2009) – *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no Período Romano*. Lisboa: UNIARQ.

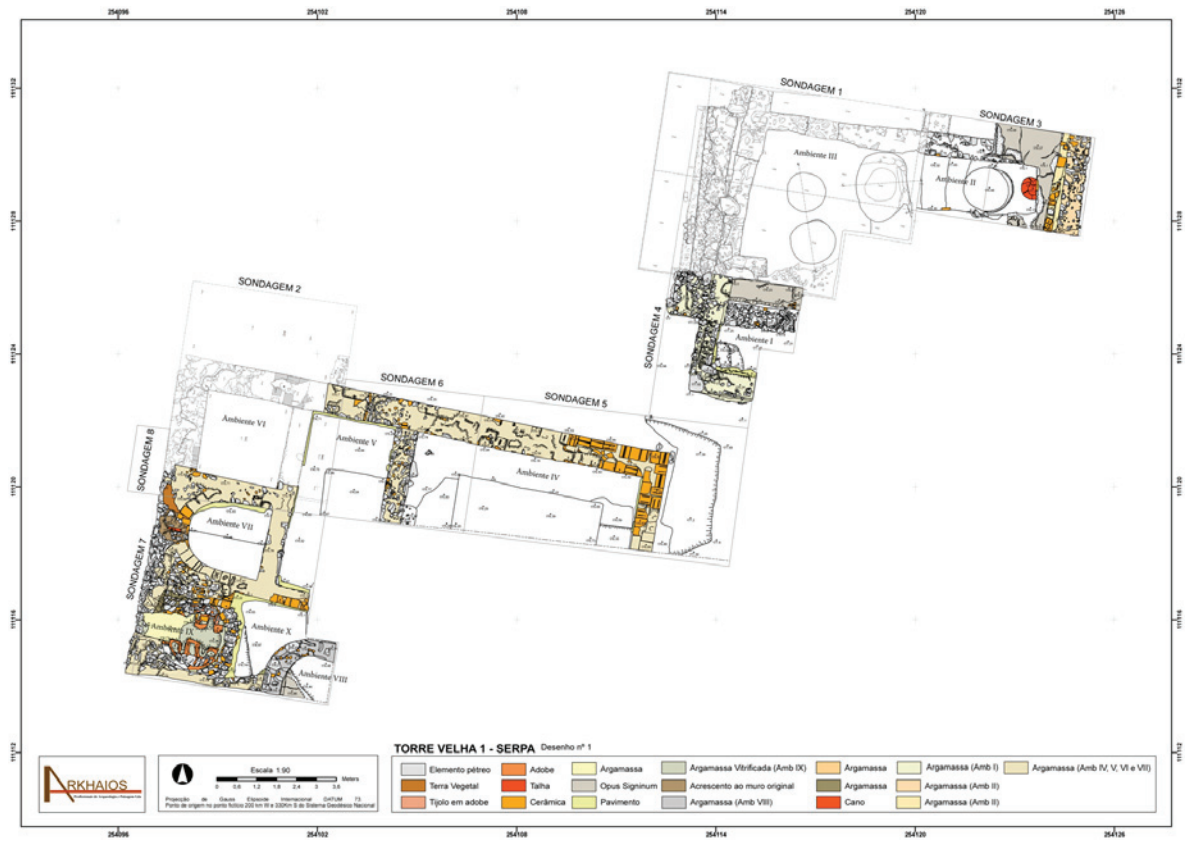


Figura 1– Planta Geral do sítio Torre Velha 1.



Figura 2– Termas, visto do Alveus (Ambiente VII), visto de Sul.



**AAP**  
 ASSOCIAÇÃO  
 DOS ARQUEÓLOGOS  
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
 bcp

**BNP**  
 BIBLIOTECA  
 NACIONAL  
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
 PORTUGAL

  
 Parques de Sintra  
 Monte da Lua